

SAÍDA DE CAMPO COMO ESTRATÉGIA METODOLÓGICA EM EDUCAÇÃO AMBIENTAL: O USO DE LENDAS PARA A CONSERVAÇÃO DA NATUREZA

Hellen Jaqueline Cordeiro Mizerski¹

Marina Comerlatto da Rosa²

Lia Maris Orth Ritter Antiqueira³

Resumo: Objetiva-se refletir as potencialidades educacionais da saída de campo como estratégia metodológica utilizando as lendas regionais no ensino da conservação da natureza. A pesquisa foi estruturada em cinco momentos: a pesquisa bibliográfica, processo de análise e escolha dos sujeitos pesquisados, aula em ambiente escolar, saída de campo e, novamente, aula em ambiente escolar. Os resultados apontam a relevância da saída de campo no processo de ensino e da conservação da natureza, a estratégia despertou interesse dos alunos diante dos temas abordados. É importante inserir cada vez práticas que levem à interdisciplinaridade, permitindo aos alunos a significar conhecimentos que fazem parte de sua cultura.

Palavras-chave: Aula de Campo; Lendas; Unidade de Conservação.

Abstract: The objective is to reflect on the educational potentialities of the field trip as a methodological strategy using regional legends in the process of teaching and nature conservation. The research was structured in five moments: the bibliographical research, the analysis process and the choice of the researched subjects, the class in a school environment, the field trip and, again, the class in a school environment. The results point to the relevance of the field trip in the process of teaching and nature conservation. It is important to increasingly insert practices that lead to interdisciplinarity, allowing students to mean knowledge that is part of their culture.

Keywords: Field Class; Legends; Conservation Unit.

¹ Universidade Tecnológica Federal do Paraná. E-mail: hellenjaq@hotmail.com

Link para o lattes: <http://lattes.cnpq.br/3292696621218346>

² Universidade Tecnológica Federal do Paraná E-mail: mcomerlattodarosa@gmail.com

Link para o lattes: <http://lattes.cnpq.br/4499044859522106>

³ Universidade Tecnológica Federal do Paraná. Rede Paranaense de Educação Ambiental.

E-mail: liaantiqueira@utfpr.edu.br Link para o lattes: <http://lattes.cnpq.br/6914975623530073>

Introdução

Em meio às dificuldades de se trabalhar a Educação Ambiental, assim como a conservação da natureza, saber identificar as estratégias metodológicas mais viáveis para esse processo é indispensável. A saída de campo/ aula de campo surge a como uma estratégia significativa “que pode contribuir com uma formação de um sujeito mais crítico e consciente, sobretudo no que se refere às questões que envolvem a educação para o desenvolvimento local” (JUNQUEIRA; OLIVEIRA, 2015, p. 112).

O Brasil é um país farto em lendas folclóricas, dentre elas as mais célebres como o Curupira, Iara, Boitatá, Lobisomem, Caipora, Boto, Caboclo d’água e outras. As lendas possuem um amplo potencial para serem empregadas na Educação Ambiental, pois apresentam-se como um caminho para chegar aos educandos. O mundo da fantasia, do mítico, possibilita aproxima-los de forma mais viva e emocionante, conduzindo o estudante à sensibilização ambiental (PEIXOTO, 2016). Na região dos Campos Gerais do Paraná, mais precisamente no município de Tibagi, diversas lendas indígenas estão presentes, e não é diferente com o Parque Estadual do Guartelá ou Cânion⁴ Guartelá (um dos principais atrativos naturais da região). Algumas destas lendas foram criadas a partir de fatos que realmente aconteceram, acrescidas do imaginário dos povos originários.

Os indígenas são responsáveis pelo legado de grande parte de costumes praticados, além de ter dado nomes a municípios, rios e localidades do Paraná que se perpetuaram na história, como por exemplo o Rio Iapó, o município de Tibagi, a capital Curitiba, e o próprio estado, além de tantos outros nomes provêm dos povos indígenas que ali viveram. O nome do Cânion Guartelá é atribuído a uma lenda indígena que explica seu surgimento baseada em uma história de dois povos rivais que habitavam a região (PROENÇA *et al.* 2010).

Partindo da necessidade de conhecimento e valorização do patrimônio histórico, cultural e natural da região dos Campos Gerais, no estado do Paraná, esta pesquisa busca refletir as potencialidades educacionais da saída de campo como estratégia metodológica utilizando as lendas regionais no processo de ensino e da conservação da natureza. O presente trabalho apresenta reflexões a partir dos dados obtidos através de uma pesquisa de trabalho de conclusão de curso da primeira autora.

⁴ Do inglês *Canyon*, trata-se de uma formação geológica de extensos paredões esculpidos por processos erosivos no decorrer de milhões de anos.

Educação Ambiental, patrimônio cultural e a saída de campo como estratégia metodológica

Uma importante ferramenta para garantir a conservação do meio ambiente é a Educação Ambiental. Ela tem um papel de auxiliar na aprendizagem que considera os diferentes tipos de conhecimento, assim como aponta Jacobi (2003, p. 198) “a Educação Ambiental deve ser vista como um processo de permanente aprendizagem que valoriza as diversas formas de conhecimento e forma cidadãos com consciência local e planetária”. Para Araújo (2004), ela é conjunto de processos em que o indivíduo e o coletivo constroem valores sociais, conhecimentos, habilidades, atitudes e competências voltadas para a conservação do meio ambiente e a formação da consciência desses sujeitos.

No entanto, a discussão em torno da Educação Ambiental não é algo recente. Em 1972, aconteceu a Conferência Mundial sobre o Homem e o Meio Ambiente, ou Conferência de Estocolmo realizada pela ONU. Cinco anos depois, como relatam Aguina, Lisita e Braga (2022, p.15), aconteceu a Conferência Intergovernamental de Tbilisi que gerou a Declaração da Conferência Intergovernamental sobre Educação Ambiental, trazendo múltiplos avanços para essa área de estudo ao definir “*finalidades, objetivos, princípios diretores e recomendações norteadoras para a Educação Ambiental*”. Os autores supracitados afirmam que é evidente a relevância “[...] *individual e coletiva, [...] independente de faixa-etária ou profissão, em todos os níveis de ensino formal e não-formal*” da Educação Ambiental.

Para a Conferência Intergovernamental de Tbilisi a Educação Ambiental é um processo de reconhecimento de valores e elucidações de conceitos, que visa desenvolver habilidades transformando as atitudes em relação ao meio, para abranger as inter-relações entre os seres humanos, suas culturas e seus meios biofísicos (OLIVEIRA; AMARAL, 2019). Ressalta-se que o meio ambiente não é composto somente pela fauna e flora, os seres humanos e toda a cultura humana também o compõe. Dessa maneira, a Educação Ambiental é concebida pela diversidade natural e cultural.

Com isso traz-se para a discussão a demanda do patrimônio cultural, este sendo definido por Rodrigues (2017, p. 354) como o “*conjunto de bens, materiais e imateriais, que são considerados de interesse coletivo, suficientemente relevantes para a perpetuação no tempo*”. O autor também destaca como uma forma de resgate do passado e ao mesmo tempo uma manifestação ou testemunho. É a expressão das vivências de um povo e sua identidade histórica, é a herança cultural do passado, vivida no presente, que será transmitida às gerações futuras (RODRIGUES, 2017).

Nesse sentido, pode-se dizer que a educação se insere num contexto interdisciplinar e dialógico que contempla vários âmbitos. Na perspectiva de Arroyo (2005, p. 32) a relação entre educação, e porque não a Educação Ambiental, e patrimônio cultural, não tem sido discutida com a importância que deveria ter, uma vez que há poucos profissionais e projetos voltados para as

escolas atendendo necessidades de sensibilizar professores e alunos para o patrimônio cultural e o resgate histórico.

Para além disso, é importante que as escolas assumam sua função de ressignificar as relações entre os educandos e seu município, sua memória, sua história, pois são cidadãos que ali vivem (ARROYO, 2005). A partir deste posicionamento pode-se observar a importância de ensinar sobre o patrimônio cultural de uma região para que se valorize e ocorra um diálogo com os conhecimentos tradicionais, pois podem existir estudantes que desconhecem esses e acontecimentos.

Para Pinto (2015, p.160) “*a utilização de fontes ligadas à história local poderá possibilitar a utilização de metodologias para uma aprendizagem significativa e ultrapassar a ideia de fragmentação dos espaços e temas estudados, dissociando o local do país ou do mundo*”. Sendo assim, os alunos têm uma maior percepção do que é tratado em sala de aula, fora dela, podendo conhecer esses espaços que fazem parte da sua história local. A partir do momento que os alunos têm conhecimento destes legados, sua consciência crítica em relação a crenças e identidades, assim como outras culturas, é estimulada (PINTO, 2015). Ainda neste viés, Pinto (2015, p.162) afirma que “*proporcionar aos jovens a experiência do contato direto, vivencial, com diferentes tipologias de património e iniciá-los na leitura dos bens patrimoniais, a níveis cada vez mais sofisticados, são práticas educativas com enormes potencialidades*”.

Ao inserir os alunos no contexto cultural e possibilitar a interação entre cultura e natureza através da perspectiva interdisciplinar e do diálogo de saberes, esse sendo “*o encontro do conhecimento científico, sistematizado, comprovado, aprendido na escola com o conhecimento ou saber popular adquirido por meio da experiência de vida*” (ANDRADE, 2010, p. 1), acredita-se que seu senso de curiosidade pode despertar a consciência acerca daquilo que está conhecendo, levando em conta o ato de poder conhecer sua identidade como integrante da sociedade. Assim, a realização de atividades em ambiente que vão além da sala de aula, como por exemplo Unidades de Conservação, podem fortalecer e favorecer a valorização do patrimônio histórico e cultural da região ensino, bem como a educação e interpretação ambiental (COSTA; ANDRADE, 2022)

Uma das abordagens do patrimônio histórico e cultural pode ocorrer por meio do diálogo com conhecimentos tradicionais e com o pensamento mítico, visto que esse trabalha com a intuição, mobiliza aspectos emotivos e criativos e possibilita estabelecer elos significativos entre natureza e cultura. O pensamento mítico é uma forma pela qual um povo explica o mundo a seu redor, sua origem, funcionamento, processos naturais e princípios, sem necessidade de fundamento ou questionamento. Um dos elementos centrais é o apelo sobrenatural, seja pelo mistério, pelo sagrado ou pela magia (MARCONDES, 2002).

Junto com as narrativas míticas, as lendas possuem como característica marcante a maneira de sua narração, encantadora, fascinante e inventiva (LÓSSIO, 2009, p. 44). Para Gomes *et al.* (2010, p. 120) “*as lendas transmitem e ensinam novas formas sociais de comportamento, veiculando informações que são transmitidas de geração em geração, ou seja, as lendas preservam e comunicam tradições*”. Ao contemplar atos heroicos ou sentimentais, elementos maravilhosos ou sobre-humanos que não são transmitidos e conservados na tradição oral e popular (CASCUDO, 1976), as lendas potencializam aos alunos viajar pelo imaginário. A imaginação é única e exclusiva de cada indivíduo e por este motivo tem papel fundamental na leitura e compreensão do mundo.

Ao trabalhar as lendas no ambiente escolar pensa-se em diferentes possibilidades de alcançar os objetivos propostos para a atividade. Diante disso, aponta-se a saída de campo como uma estratégia metodológica, essa amplamente estudada por Viveiro (2006; 2010), Fernandes (2007), Oliveira (2013) e Campos (2015). Os autores supracitados discutem a saída de campo como uma metodologia que permite explorar múltiplas possibilidades de aprendizagem com inúmeras potencialidades para o processo de construção do conhecimento (ROSA; PAULA, 2020).

As saídas de campo se apresentam como fundamentais para uma leitura crítica do mundo, das mudanças na paisagem, das relações entre ser humano e ambiente (SILVA; CAMPOS, 2015). Nessa pesquisa utilizam-se os termos “aula de campo” e “saída de campo” como sinônimos, pois ao olhar das autoras são as expressões que mais atendem aos objetivos das reflexões. Através dela é possível que os estudantes adentrem um espaço completamente diferente e que nem sempre é explorado pelo ensino, podendo conectar facilmente as lendas, objeto de estudo dessa pesquisa. Assim, Miyashiro (2016) complementa que a imaginação deve ser entendida como um elemento-chave no processo de ensino-aprendizagem, pois permite ao sujeito interiorizar significações e descobrir os laços que a unem ao mundo.

A contextualização de temas que permeiam a identidade social do aluno, permitem resgatar as vivências, histórias e demais conceitos da realidade em que vivem. Diante disso, Seniciato e Cavassan (2004) pontuam sobre possibilidades de desenvolvimento de aulas em espaços naturais no que se refere a conteúdos de ciências, afirmando que favorecem a manifestação de sensações e emoções, inclusive relacionadas ao frescor/calor do ambiente, o reconhecimento de sons, odores, cores, formas e texturas.

Ao realizar saídas de campo em ambientes naturais, e na perspectiva dessa pesquisa, em Unidades de Conservação, o professor está propiciando aos alunos que conheçam um novo território ou lugar, esse que muitas vezes a própria comunidade do entorno desconhece a existência e o propósito da sua criação (ROSA; PAULA, 2020). Essa estratégia metodológica contribui na sensibilização dos sujeitos para conservação do patrimônio natural e cultural e no engajamento da defesa do meio ambiente, dos bens naturais enquanto

essenciais para conservação e manutenção da vida (ROSA; PAULA, 2020). Diante disso, percebe-se que a saída de campo/aula de campo agrupa inúmeros aspectos positivos, pois ela é pensada para integrar os conteúdos escolhidos à realidade vivenciada no ambiente escolhido.

Caminhos Metodológicos

Esta pesquisa caracteriza-se como aplicada e exploratória, os métodos utilizados foram dialógicos e participativos (GIL, 2002). Foi estruturada em duas etapas, sendo que a primeira etapa se constituiu em três momentos.

O primeiro incluiu uma pesquisa bibliográfica sobre o Parque Estadual do Guartelá relevante Unidade de Conservação (UC) localizada na região dos Campos Gerais, no município de Tibagi - Paraná. Criado através do Decreto 1.229 de 27 de março de 1992 e implementado no ano de 1997, esta UC possui 798,97 hectares, abrigando uma área de rico patrimônio natural e arqueológico da região do cânion do Rio Iapó (Figura 1). Visa garantir a preservação dos ecossistemas típicos da região, locais de excepcional beleza cênica, com cânions e cachoeiras, patrimônio espeleológico, arqueológico e pré-histórico, em especial as pinturas rupestres, bem como fontes, nascentes e espécies de fauna e flora nativas (INSTITUTO ÁGUA E TERRA, 2022). O Parque Estadual do Guartelá recebe turistas do mundo todo, um dos seus maiores atrativos é 6º maior cânion do planeta em extensão, o cânion do Rio Iapó ou também conhecido como Cânion Guartelá (INSTITUTO ÁGUA E TERRA, 2022).



Figura 1: Cânion do Guartelá, cortado pelo rio Iapó no Parque Estadual do Guartelá.

Fonte: Autoras (2016)

No segundo momento, definiu-se que a escola pesquisada seria uma escola pública no município de Tibagi-PR e os sujeitos pesquisados os alunos do oitavo ano do Ensino Fundamental II. A partir disso, foram realizados todos os procedimentos necessários para que a pesquisa ocorresse na escola (contato com a direção, professores, apresentação do cronograma de trabalho e dos objetivos prévios) para que fosse possível saída de campo no Parque Estadual do Guartelá. Após atendidas todas as necessidades documentais para que as atividades pudessem ser realizadas, incluindo autorização dos responsáveis dos alunos e termo de consentimento livre e esclarecido, ocorreu

o terceiro momento, ou seja, a primeira interação com 27 estudantes em sala de aula, com a problematização do tema e identificação dos conhecimentos prévios para posteriormente delinear a abordagem.

A segunda etapa incluiu a realização da saída de campo com 15 os alunos do oitavo ano do Ensino Fundamental II à Unidade de Conservação, a qual ocorreu no segundo semestre do ano de 2019. Nela os alunos foram divididos em grupos de quatro a cinco integrantes e cada grupo recebeu um roteiro, contendo orientações sobre como portar-se durante a permanência em uma Unidade de Conservação e também informações referentes à Educação Ambiental e a descrição das atividades a serem realizadas.

Após a saída foi realizada nova interação em sala de aula através da roda de conversa, onde foram discutidos os aspectos científicos relacionados à saída de campo e a consolidação da vivência dos alunos na prática realizada. Na roda de conversa os alunos puderam relatar como foi a experiência e o que consideraram significativo para seu aprendizado. Após esse momento foi aplicado um questionário final para analisar os conhecimentos obtidos sobre os temas tratados. Ressalta-se que a análise de resultados e a apresentação do trabalho de conclusão de curso ocorreu no ano de 2020.

Resultados e discussão

No primeiro contato com os alunos em sala de aula, buscou-se identificar quais conheciam o Parque Estadual do Guartelá e se sabiam alguma história sobre a região, bem como os tipos de plantas e animais que ali habitam e o processo de formação dos Cânions. Foi aplicado um questionário inicial para analisar o conhecimento prévio dos alunos sobre a temática estudada, pois como afirma Reigota (2001), toda atividade de Educação Ambiental deve começar pelo levantamento das concepções do ambiente dos sujeitos envolvidos no processo de Educação Ambiental.

Através das respostas obtidas (Gráfico 1) percebeu-se que grande parte dos alunos não conhecia o Parque Estadual do Guartelá, seu histórico ou as espécies da fauna e da flora que compõem a UC. Esta percepção inicial permitiu estruturar o roteiro da saída de campo.

Para Viveiro e Diniz (2009), a saída de campo comprehende tanto a saída propriamente dita como as fases de planejamento, execução, exploração dos resultados e avaliação. Diante disso, o planejamento da saída de campo no Parque Estadual do Guartelá buscou contemplar as lacunas de conhecimento sobre o tema sem desconsiderar os conhecimentos prévios dos participantes. Para Loureiro (2004) a oportunidade de experienciar permite a sensibilização emocional na construção do conhecimento, o que é imprescindível para a motivação de transformação no modo de agir do indivíduo. A saída de campo promove a imersão do aluno à realidade, favorece a capacidade de aprender e reter melhor as informações, pois o corpo interage de maneira ativa na exploração de lugares (GARDNER, 2000).

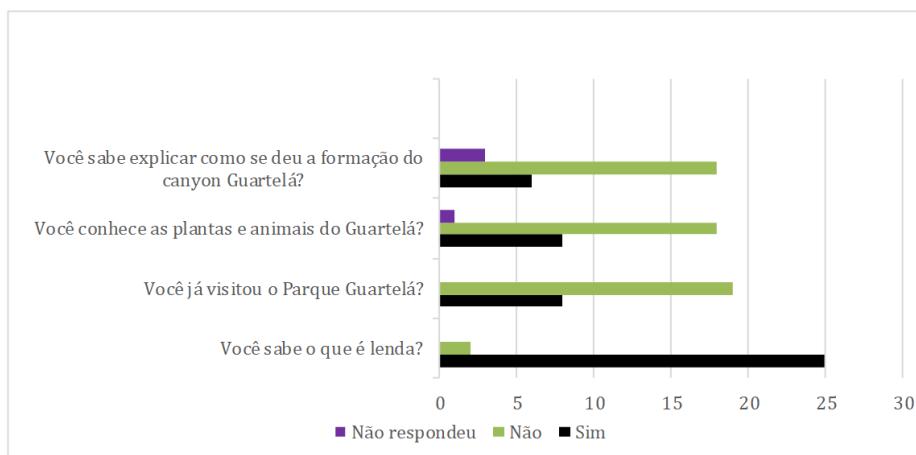


Gráfico 1: Levantamento inicial das concepções dos alunos participantes

Fonte: Autoria própria (2020)

No momento da saída de campo, enquanto as trilhas do parque eram percorridas pelos alunos, os temas levantados em sala de aula foram sendo abordados. No entanto, incluiu-se as lendas locais, os aspectos culturais e científicos relacionados ao ambiente e a conservação da natureza vinculados ao município de Tibagi e a própria UC. Nesse sentido, Della Monica (1989) pontua que os saberes populares podem ser usados como ferramenta de motivação para o ensino de conceitos científicos.

Sabe-se que as saídas de campo ou aulas de campo têm a capacidade de favorecer a construção do conhecimento científico a partir dos aspectos emocionais e afetivos que são inerentes às atividades educativas (SENICIATO; CAVASSAN, 2008). Assim, durante a saída de campo foram compartilhados saberes que os alunos traziam de suas famílias, bem como observações e anotações sobre o ambiente natural, as plantas, os animais, o tipo de solo, os cursos de água que são visíveis na UC, além da discussão de alguns conceitos de conservação da natureza. Observou-se que ao longo do percurso da trilha todos se mantiveram atentos às explicações enquanto observavam os aspectos naturais da UC. Houve uma roda de conversa (Figura 2) para partilhar os aspectos observados por cada aluno no primeiro momento da saída de campo.

Durante roda de conversa os alunos apontaram suas impressões a respeito da UC, comentando sobre a vegetação, fauna e relevo local. No intuito de contribuir com o conhecimento científico dos alunos, trabalhou-se sobre o processo de formação de um Cânion, associando o relato dos alunos, de que o partes de trilha eram muito íngremes, ao relevo, à Escarpa Devoniana⁵ e a Área de Proteção Ambiental da Escarpa Devoniana, área protegida, no entanto, extremamente ameaçada pelo agronegócio e empresas de energia.

⁵ A Escarpa Devoniana é uma faixa com terreno elevado, característico por grandes paredões rochosos, que delimitam o primeiro e o segundo planalto do Paraná.

Também foi abordado conteúdo a respeito da vegetação local, explicando que é composta por fragmentos do Cerrado, como também fragmentos de Floresta Ombrófila Mista com presença de *Araucaria angustifolia* (Bertol) Kuntze, espécie nativa do sul do Brasil e sob forte ameaça de extinção. Os conteúdos foram apresentados de forma a propiciar a reflexão de aspectos de Ciência, Tecnologia, Sociedade e Ambiente, enfatizando a necessidade iminente de conservação da biodiversidade sob a perspectiva da sustentabilidade e manutenção da vida.



Figura 2: Roda de conversa no mirante partilhar os aspectos observados.
Fonte: Autoria própria (2019)

Em um momento oportuno, os alunos foram indagados sobre o conhecerem a origem do nome Guartelá. Para entender estes aspectos históricos, iniciou-se contextualizando sobre os indígenas, primeiros habitantes da região. Nesse sentido, discutiu-se sobre os povos Tupis-Guaranis e Jes, seus hábitos, bem como as pinturas rupestres que atualmente constituem patrimônio histórico e cultural da região, assim como costumes e vocabulário que ainda permanecem na região. Foi possível estabelecer correlações da história local com a do país, devido aos tropeiros, a imigração europeia e os garimpos, esta última apresentando grande relevância para o município de Tibagi.

Um dos temas de ampla discussão com os alunos foram os conflitos dos pecuaristas com os indígenas. Diante desse tema, abordou-se o significado do nome Guartelá que seria um aviso de um fazendeiro enviado por seu escravo para os índios dizendo: “Guarda-te-lá que aqui bem fico”. O recado chegou como, “Guartelá aqui Benfica”. Porém, há uma lenda difundida para explicar o nome, comumente passada entre as famílias da região. Nela conta-se sobre o amor de um jovem guerreiro por uma moça de uma tribo inimiga que termina em morte e na intervenção do Deus Tupã. Os alunos associaram os

dois contos e opinaram livremente sobre os pontos comuns das duas versões, compreendendo que ambas têm sua identidade e seu valor. Dessa maneira, houve uma reflexão sobre as lendas por meio de analogias com os acontecimentos históricos e aspectos das disciplinas de geografia e ciências. A correlação de ideias levou ao resgate de outras lendas comuns da região envolvendo animais (lobisomem) e espíritos (indígenas que protegem as matas), que foram associadas a aspectos da conservação da natureza.

As atividades foram conduzidas como objetivo a conexão com o contexto local da região. Assim, buscou-se o equilíbrio das vivências com o conteúdo científico dos livros didáticos que em muitos momentos “despreza os saberes, as vivências e os conhecimentos alternativos dos estudantes” (NASCIBEM; VIVEIRO, 2015, p.87). Entende-se que a escola deve ser o local de mediação entre a teoria e prática, o ideal e o real, o científico e o cotidiano. Deste modo, não se pode priorizar somente currículos universais, mas sim, dar vez para o conhecimento da comunidade em que está envolvida levando em conta seus aspectos regionais (SILVA; ZANON, 2002). Ressalta-se que esse tipo de atividade não tem por pretensão reduzir o status do conhecimento científico, mas “*elevar o de outras formas de conhecimento, fazendo relações entre saberes, apresentando, explorando e discutindo diferentes visões de mundo*” (NASCIBEM; VIVEIRO, 2015, p. 288).

Alguns dias após a saída de campo, ocorreu novamente a abordagem em sala de aula, durante a aula da disciplina de Ciências. Neste momento foram discutidos novamente os aspectos de formação do Cânion Guartelá (solo, hidrografia, biodiversidade da fauna e da flora) juntamente com aspectos de Educação Ambiental, conversando sobre a importância de proteger o patrimônio natural e cultural da região, sempre atrelando o conteúdo à vivência internalizada pelos alunos no dia da saída de campo.

Destaca-se que nem todos os 27 alunos participaram da saída de campo. Diante disso, realizou-se uma dinâmica de grupos buscando incluir os participantes e não participantes da aula de campo. Solicitou-se que os alunos que não participaram da saída de campo transitassesem entre os grupos, de forma que ouvissem os relatos e impressões dos estudantes que participaram da aula de campo no Parque Estadual do Guartelá. Atentou-se as explicações que estes davam aos colegas, incluindo as observações que fizeram em campo e as informações da roda de conversa e das lendas, bem como suas correlações com o conhecimento científico. Como atividades de avaliação do aprendizado foi escolhida a produção textual e um questionário final aplicado a todos os alunos presentes em sala (Tabela 1).

Tabela 1: Síntese de respostas obtidas no questionário final. Quando respostas objetivas, o número ao lado indica o número de citações obtidas

PERGUNTA	RESPOSTAS
O patrimônio natural compreende áreas históricas, com belezas cênicas de valor inestimável que devem ser preservados para que nos lembremos quem somos, o que fazemos, de onde viemos e como seremos. Você concorda com essa frase? O que você sentiu na aula de campo?	<p><i>“Concordo, me senti muito bem por ter ido lá, é um lugar calmo, tranquilo e de muita beleza, por isso que temos que preservar.”</i></p> <p><i>“Concordo, eu senti paz ouvindo o barulho da água e dos pássaros, é um ambiente que deve ser protegido para as próximas gerações.”</i></p> <p><i>“Concordo, devemos preservar o parque pois é sobre o nosso passado!”</i></p>
Cite uma característica que você observou que lhe chamou mais a sua atenção durante a aula de campo ou por meio do relato dos colegas que lá estiveram.	<p><i>“Lenda” (9). “Mirante” (9). “Panelões d’água” (6). “Rio Iapó” (5). “Os animais” (4). “As rochas” (3).</i></p>
Tendo em vista que o Parque do Guartelá é uma Unidade de Conservação e integral o patrimônio natural e cultural dos Campos Gerais, por que devemos preservá-lo?	<p><i>“Devemos preservar porque ele é um dos maiores pontos turísticos do Paraná, tem uma bela paisagem com muitas espécies de plantas, árvores e animais que devem ser protegidos.”</i></p> <p><i>“Devemos preservar para nossa sobrevivência e das próximas gerações.”</i></p> <p><i>“Lá existem muitas espécies de animais e plantas que precisam de cuidado para não serem extintos.”</i></p>
A aula de campo e as atividades realizadas em sala contribuíram para que você tomasse conta da importância que um ambiente natural tem para os seres vivos?	<p><i>“Sim, temos que preservar para os seres vivos e o homem terem boas condições de vida.”</i></p> <p><i>“Sim, porque ali é a casa deles e se a destruirmos seu ambiente natural, animais e plantas podem ficar extintos.”</i></p> <p><i>“Sim, devemos cuidar do ambiente natural porque ali existem vários animais, plantas e árvores que nos dão oxigênio.”</i></p>
“Que atitudes você pode tomar para ajudar a preservar o meio ambiente?	<p><i>“Não jogar lixo em lugares impróprios”. “Economizar água”. “Não desmatar”. “Reciclar”.</i></p>

Fonte: Autoria própria (2020)

Considerando a Tabela 1 percebe-se que a aula de campo vai além do que a sala de aula oferece, ela possibilita novas conexões, pensamentos e vivências, mostrando a necessidade de se ampliar as propostas de trabalho, pois são nessas atividades que o docente tem a oportunidade de estimular nos alunos o respeito pelas diferentes formas de vida e a capacidade de associar a teoria à prática (PRIEVE; LISOVSKI, 2010). As aulas de campo são capazes de estabelecer de uma nova perspectiva na relação entre o ser humano e a natureza.

As atividades educativas em ambientes naturais promovem a apropriação de conteúdos de Ciências da Natureza de forma ampla interdisciplinar, favorecendo a abordagem simultaneamente menos abstrata

dos fenômenos estudados (SENICIATO; CAVASSAN, 2004). Para Silva, Silva e Figueiredo (2020) o emprego da aula de campo em Unidade de Conservação tem um potencial didático importante, uma vez que auxilia no processo ensino-aprendizagem, algo relevante para o prosseguimento do trabalho com a Educação Ambiental, onde os alunos relacionam a teoria exposta em sala de aula com as práticas em ambientes naturais.

Nesse sentido, é inegável a relevância socioambiental dessa estratégia didático-metodológica, visto que os próprios alunos demonstraram estarem satisfeitos, como pode ser observado na seguinte sentença endossada pelo restante do grupo: *“Queria ter mais aulas desse tipo, onde saímos da escola para aprender.”* A saída de campo com o enfoque na Educação Ambiental se apresenta uma grande aliada no processo de conservação da natureza.

Conclusões

Ao refletir sobre as potencialidades educacionais da saída de campo como estratégia metodológica utilizando as lendas regionais no processo de ensino e da conservação da natureza, entende-se que a saída de campo possibilita abordar no mesmo contexto vários aspectos científicos, históricos e culturais, por meio de conexões interdisciplinares e dialógicas. Entende-se que esses aspectos devem ser abordados sob a perspectiva interdisciplinar, conduzindo os alunos a conhecerem seu passado, as tradições, a história e a identidade do meio em que vivem.

A estratégia metodológica adotada desperta nos alunos interesse, considerando ter ocorrido em uma UC que abriga parte da história local com suas tradições e culturas. Os alunos sentem-se inseridos na atividade e confortáveis em participar ativamente da aula de campo, tornando-se sujeitos do processo de ensino-aprendizagem e não apenas elementos passivos desse. As saídas de campo, quando bem planejadas e fundamentadas pelo professor, possuem potencial para transformar as aulas teóricas em abordagens práticas vivenciadas, onde os conteúdos são correlacionados com o contexto e o cotidiano dos alunos.

As atividades desenvolvidas no Parque Estadual do Guartelá contemplaram abordagens interdisciplinares e buscaram estabelecer interação dos alunos com o ambiente em que vivem, com a cultura em que se inserem além de despertá-los para sensibilização ambiental. Diante disso, reforça-se a importância de se investir cada vez mais em práticas que levem à interdisciplinaridade, permitindo aos alunos a significar e internalizar conhecimentos que fazem parte de sua cultura e identidade. No entanto, cabe aos professores o desafio de inserir metodologias e/ou resgatar práticas existentes em um momento tão desafiador, e por que não desanimador, que a educação brasileira vivênciа.

Referências

- AGUINA, R.O.; LISITA, J.; BRAGA, A.R. Tratado de Educação Ambiental para Sociedades Sustentáveis: Memórias, reflexões e boas histórias. In: RABINOVICI, Andrea; NEIMAN, Zysman (Org). **Princípios e Práticas de Educação Ambiental**. Diadema: V&V Editora, 2022. p. 10 – 25.
- ANDRADE, M.R. Notas para discussão sobre o diálogo de saberes: experiências inovadoras no ensino de ater. **Anais** do II Seminário Nacional de Ensino e Extensão Rural, 2010, Santa Maria – RS.. Disponível em: <http://w3.ufsm.br/seminarioextensaorural/arqs/Dialogo_de_saberes.pdf>. Acesso em: 15 fev. 2021
- ARAÚJO, M.C.P. de. A Educação Ambiental e a formação da consciência dos sujeitos. In: ZAKRZEVSKI, S. B.; BARCELOS, V. (Org.). **Educação Ambiental e compromisso social: pensamentos e ações**. Erechim: EDIFAPES, 2004. p. 183-192.
- ARROYO, M.A. Educação patrimonial ou a cidade como espaço educativo? **Revista Outro Olhar**, v. 4, n. 4, 2005.
- CAMPOS, C.R.P. (Org.). **Aulas de campo para alfabetização científica: práticas pedagógicas escolares**. Vitória: IFES, 2015.
- CASCUDO, L.C. **Geografia dos mitos brasileiros**. São Paulo: Livraria J. Olympio Editora, 1976.
- COSTA, H.; ANDRADE, D.F. As pesquisas no Parque Estadual Cunhambebe com destaque para a Educação Ambiental e o patrimônio histórico e cultural: resultados de uma revisão sistemática integrativa. **Revista Brasileira de Educação Ambiental**, São Paulo, v. 17, n. 1. p. 79-94, 2022.
- DELLA MONICA, L. **Manual do Folclore**. São Paulo: Global, 1989.
- FERNANDES, J.A.B. 2007. 326p. Você vê essa adaptação? a aula de campo em Ciências entre o teórico e o empírico. **Tese** (Doutorado em Educação) – Curso de Pós-Graduação em Educação, Universidade de São Paulo.
- GARDNER, H. **Estruturas da mente: a Teoria das Inteligências Múltiplas**. 2. ed. Porto Alegre: Artmed Editora, 2000.
- GIL, A.C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.
- GOMES, E.S.L. et. al. As lendas nos livros didáticos: uma análise mítica. In: FERREIRA-SANTOS, M.; GOMES, E. S. L. (Org.). **Educação e religiosidade: imaginários da diferença**. João Pessoa: Ed. UFPB, 2010. p. 119-140.
- INSTITUTO ÁGUA E TERRA. **Parque Estadual do Guartelá (PEG)**, 2022. Disponível em: <<https://www.iat.pr.gov.br/Pagina/Parque-Estadual-do-Guartela-PEG>>. Acesso em: 21 fev. 2022.
- JACOBI, P. **Educação Ambiental: cidadania e sustentabilidade**. Cadernos de Pesquisa, n. 118, março/ 2003.

JUNQUEIRA, M.E.R; OLIVEIRA, S.S. de. Aulas de campo e Educação Ambiental: potencialidades formativas e contribuições para o desenvolvimento local sustentável. **Revista Brasileira de Educação Ambiental**, São Paulo, v. 10, n. 3, p. 111-123, 2015.

LÓSSIO, R. Mídia e transformações nas lendas e mitos em Pernambuco. **Famecos/PUCRS**, Porto Alegre, n. 21, 2009.

LOUREIRO, C.F.B. **Trajetória e fundamentos da Educação Ambiental**. São Paulo: Cortez, 2004.

MARCONDES, D. **Iniciação à História de Filosofia**: dos pré-socráticos a Wittgenstein. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

MIYASHIRO, S.F. de O. Lendas e mitos no ensino fundamental. **Anais** do Congresso Internacional do Curso de História da UFG/Jataí, p. 30-41, 2016.

NASCIBEM, F.G.; VIVEIRO, A.A. Para além do conhecimento científico a importância dos saberes populares para o ensino de ciências. **Interacções**, v. 11, n. 39, p. 285-295, 2015.

OLIVEIRA, A.P.L. de. 2013. 117p. Da teoria à prática: o estudo dos ecossistemas recifais com base na aula de campo para os alunos do ensino médio. **Dissertação** (Mestrado em Ensino de Ciências e Matemática) – Curso de Pós-Graduação em Ensino de Ciências e Matemática, Universidade Federal de Alagoas.

OLIVEIRA, T.M.R.; AMARAL, C.L.C. Discutindo Conceitos De Educação Ambiental Com Professores Em Uma Escola Pública De São Paulo. **Ensino, Saúde e Ambiente**, v. 12, n. 2, p. 140-155, 2019.

PEIXOTO, S.B. 2016. 60f. Produção de histórias infantis: um recurso didático para Educação Ambiental. **Monografia** – Curso Tecnólogo em Gestão Ambiental, Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo – IFSP, Campus São Roque.

PINTO, M.H. Educação histórica, cultura escolar e patrimônio: contributos da educação patrimonial para a aprendizagem. **Anais** do Congresso Internacional das Jornadas de Educação Histórica. v.15, n.2, p.159-181, 2015.

PRIEVE, P.E.; LISOVSKI, L.A. Uso do Parque Municipal Miguel Pereira pelos professores de Ciências e Biologia de Roncador – PR. **Cadernos da Pedagogia**, São Carlos, v. 4, n. 7, p. 111-124, jan./ jun. 2010.

PROENÇA, G. et al. **Canyon Guartelá**. Curso de guia de turismo especializado em atrativo natural do SENAC de Castro. 2010. Disponível em: <<http://www.tibagi.uepg.br/iiiepuepg/turismo/canyon.htm>>. Acesso em: 03 mar 2021.

REIGOTA, M. **Meio Ambiente e representação social**. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2001.

RODRIGUES, D. Patrimônio cultural, memória social e identidade: interconexões entre os conceitos. **Letras Escreve**, v.7, n.4, p. 337-361, 2017.

ROSA, M.C. da, PAULA, A.P de. Ensino de ciências, escola do campo e as saídas de estudo em campo. *In: VIGÁRIO, A.F.; GONÇALVES, V.F.; FALEIRO, W. (Org). Processos educativos em ciência da natureza na educação básica.* Goiânia: Kelps, 2020, p. 165 – 178.

SENICIATO, T.; CAVASSAN, O. Aulas de campo em ambientes naturais e aprendizagem em ciências – um estudo com alunos do ensino fundamental. **Ciência & Educação**, v. 10, n. 1, p. 133-147, 2004.

SENICIATO, T.; CAVASSAN, O. Afetividade, motivação e construção de conhecimento científico nas aulas desenvolvidas em ambientes naturais. **Ciências e Cognição**, v. 13, n. 3, p. 120-136, 2008.

SILVA, M.S.; CAMPOS, C.R.P. Aulas de campo como metodologia de ensino: fundamentos teóricos. *In: CAMPOS, C.R.P. (Org). Aulas de campo para alfabetização científica: práticas pedagógicas escolares.* Vitória: IFES, 2015. p. 17-30.

SILVA, A.S. da; SILVA, F.T.; FIGUEIREDO, T.R. A importância das aulas de campo em Unidade de Conservação (UC) na educação básica: pós-isolamento social. **Revista Brasileira de Educação Ambiental**, São Paulo, v. 15, n. 7, 2020.

SILVA, L.H.A.; ZANON, L.B. A experimentação no ensino de ciências. *In: ARAGÃO, R. M. R.; SCHNETZLER, R. P. (Org.). Ensino de ciências: fundamentos e abordagens.* Piracicaba: UNIMEP/CAPES, 2002. p.120-153.

VIVEIRO, A.A. 2006. 172p. Atividades de campo no ensino das ciências: investigando concepções e práticas de um grupo de professores. **Dissertação** (Mestrado em Educação para a Ciência) - Curso de Pós-Graduação em Educação para a Ciência, Universidade Estadual Paulista, Bauru.

VIVEIRO, A.A. 2010. 191p. Estratégias de ensino e aprendizagem na formação inicial de professores de ciências: reflexões a partir de um curso de licenciatura. **Tese** (Doutorado em Educação para a Ciência) - Curso de Pós-Graduação em Educação para a Ciência, Universidade Estadual Paulista, Bauru.

VIVEIRO, A.A.; DINIZ, R.E.S. Atividades de campo no ensino das ciências e na Educação Ambiental: refletindo sobre as potencialidades desta estratégia na prática escolar. **Ciência em Tela**, v. 2, n. 1, 2009.